PE. DR. FREI BOAVENTURA KLOPPENBURG, O. F. M.

A Irrealidade da Magia.

Separata da Revista Eclesiástica Brasileira,
vol. 21, fasc. 2, Junho de 1961

MG
7
W

PNMG97
Redemptoristen
Gesamtbiete
der Wissenschaft
Ostere. Provinz
1958-410
(b 3762)

A Irrealidade da Magia.

Pelo Pe. Dr. Frei Boaventura Kloppenburg, O.F.M.
Professor de Dogma, Petrópolis, R.J.

Dois motivos, principalmente, justificam êste artigo: 1) Porque a magia continua sendo um grave problema da atualidade, mormente aqui no Brasil, com a difundida magia dos terreiros e tendas de Umbanda, Quimbanda, Macumba, Batuque, Candomblé, Xangô, Catimbó, Toré, Pajelança, etc. 2) Porque na solução teórica dêste problema os teólogos e moralistas continuam, a nosso ver, excessivamente dependentes de teorias e interpretações medievais, sobretudo da tristíssima época da bruxaria européia dos séculos XIV-XVII.

Temos diante de nós uma série de manuais de Teologia Dogmática e Moral que defendem não só a possibilidade mas a realidade da magia entendida nestes têrmos: "Facultas, positis quibusdam signis, miros effectus, daemonis ope, certo et constanter producendi".[1] Êste conceito, com tôdas as terríveis conseqüências nos lamentáveis processos contra as bruxas, continua mais ou menos corrente e aceito nos ambientes teológicos, católicos e protestantes, de hoje. A finalidade das presentes linhas é mostrar o êrro latente nos próprios fundamentos da literatura teológica bruxófila.[2] A estadia em Roma, nos meses de janeiro e fevereiro dêste ano, nos deu tempo e oportunidade para aprofundar-nos nesta triste literatura e que é abundantíssima. Tomamos para a nossa orientação um dos representantes mais famosos: Martinus Del Río, S.J.: "*Disquisitiones magicarum* libri sex, quibus continetur accurata curiosarum artium et vanarum superstitionum confutatio, utilis theologis, iurisconsultis, medicis, philologis". O livro saiu pela primeira vez em 1599. Mas a edição que temos em mão é de 1640, feita em Veneza. Outro livro bastante compulsado por nós foi o *De Magia* de Francisco Torreblanca, publicado em 1678 em Lião. Pudemos conferir ainda outros volumes, todos êles grossos de mil páginas, e que serão oportunamente mencionados. Claro que êste artigo não será exaustivo. Existem neste campo algumas questões que merecem maior aprofundamento. Iremos diretamente ao que nos parece o mais fundamental: o *pacto com o demônio*. Pois ensina Del Río e os outros repetem mais ou menos o mes-

---

[1]) Tanquerey, *Synopsis Theologiae Dogmaticae* (1943), vol. II, p. 507.

[2]) Neste artigo focalizamos apenas um aspecto do problema. Há outros, que estudamos por exemplo na REB de 1957, pp. 308 ss. (Sôbre a possibilidade ou impossibilidade da atuação diabólica provocada) e na revista *Vozes*, de 1961, pp. 9-26 (com a crítica do feitiço).

mo: "Omnes operationes magicae velut basi innituntur pacto per magos cum daemone inito".[2] E há o que êles chamam de pacto explícito e o pacto implícito.

1) O Pacto Explícito com o Demônio.

Dizem que o texto escriturístico para a teoria do pacto explícito está em Isaías 28, 15: "Percussimus foedus cum morte, et cum inferno fecimus pactum". Santo Agostinho e Santo Tomás falam dêste pacto, mas com moderação e sem tirar dêle maiores conseqüências. Mas grande desenvolvimento e aprofundamento recebeu o assunto nos teólogos, canonistas e juristas dos séculos XIV-XVIII. Segundo êles o pacto explícito ou expresso pode ser simples ou solene. Será simples, explica Torreblanca,[3] quando o mago o faz em conversa particular com o demônio; será solene "quando novitius a magisterulo de nocte per aërem ad conventicula devehitur ad Sathanam qui in forma visibili residet specie hirci, vel alterius animalis, sedentis in solio regio mirifice ornato, more principum, et ibi astantibus maleficiis et sagis, publice se ei devovet". Exatamente como numa profissão solene (aliás, a comparação é feita pelo próprio Torreblanca). E descreve então minuciosamente todo o macabro cerimonial. Também Del Río, que é mais sistemático, conhece o mesmo ritual, enumerando os elementos comuns a todos os pactos[4] e que seriam:

1) Renegar a fé e o Cristianismo, subtrair-se à obediência de Deus, repudiar a proteção de Maria Ssma., renunciar ao batismo;
2) Receber um novo batismo;
3) Aceitar um outro nome, negando o primeiro;
4) Renegar os padrinhos e as madrinhas e receber novos, indicados pelo Demônio;
5) Dar a satanás um fragmento do próprio vestido;
6) Prestar ao demônio um juramento de fidelidade;
7) Pedir ao demônio que apague o nome do "livro da vida" e o inscreva no "livro da morte";
8) Oferecer ao demônio um sacrifício;
9) Prestar anualmente contas ao demônio;
10) Imprimir nalguma parte do corpo o sêlo ou a marca do demônio (êste lugar se tornará insensível e era de grande importância na identificação dos bruxos nos processos judiciais);
11) Prometer de modo especial nunca mais adorar a hóstia, injuriar perpètuamente a Ssma. Virgem, os Santos e as Relíquias, não apenas com palavras, mas conculcando, cuspindo e quebrando, jamais confessar todos os pecados, silenciando sempre o pacto feito.

[2]) Martinus Del Río, *Disquisitiones Magicarum*, lib. II, q. IV, p. 71.
[3]) Franciscus Torreblanca Cordubensis, *De Magia*, lib. II, cap. VII, pp. 174-177.
[4]) Del Rio, lib. II, q. IV, pp. 73-76.

E o diabo, da sua parte, promete estar sempre à disposição, durante tôda a vida terrestre, pronto a fazer o que se pedir.[6]

Eis, essencialmente, o pacto explícito. Graves e bons teólogos não apenas o descreveram com tôdas as minúcias, mas defenderam também sua realidade histórica, contra uns poucos que, como Friderico von Spee ou João Ponzinibio, ousavam negá-lo ou, ao menos, pô-lo em dúvida. Quando João Ponzinibio protestou contra as injustiças praticadas em Placência e escreveu um tratado para demonstrar que as viagens noturnas das bruxas não passavam de ilusões, fantasias ou sonhos,[7] foi logo acusado por Bartolomeu de Spina de fautor de heresia.[8] Del Río exprime bem a mentalidade da época quando defende a autenticidade dos vôos noturnos em cabritos ou cabos de vassoura com estas palavras: "Qui haec asserunt somnia esse et ludibria, peccant contra reverentiam Ecclesiae matri debitam".[9] Encontramos a defesa dos pactos explícitos e dos cabos de vassoura das bruxas nas obras de Castro, Ciruelo, Simancas, Trullench, Tostado, Vázquez, Granado, Valencia, Pereira, Villalobos, Torreblanca, Leandro, Del Río, Sánchez, Azor, Fagúndez, os Salmanticenses, Suárez, Grillandi, Albertini, Silvestro, de Spina, Jacquier Michel, Crêpet, Remi, Vignati, Bernardo de Como, João Pico, Sprenger, Nider, Müller, Gregory, Binsfeld, Léssio, Lanfranc, Gómez, Bodin, Boguet, Lancre e outros, para só citar autores católicos.[10] O grande Suárez, por exemplo, discorrendo sôbre as bruxas que se transportam "ad loca distantissima in brevissimo tempore", declara que alguns autores, principalmente entre os canonistas, persistem em não acreditar; mas, diz Suárez, "haec est sententia communis theologorum et iuristarum" (um dêles, Tostado, havia mesmo escrito: "Non potest sine impudentia negari") e por isso também êle, Suárez, se decide pela afirmativa. Suárez lembra uma experiência bem interessante, contada por alguns autores: Haviam pedido que

[6]) São êstes, também, mais ou menos, os "deveres da bruxa" indicados em *O Livro Completo das Bruxas* (São Paulo, sem data), pp. 31-32, acrescentando-se ainda que a bruxa só pode lavar-se e pentear-se de 4 em 4 dias, só pode tomar banho cada 42.º dia e mudar a roupa cada 57.º dia; nem pode cortar ou polir as unhas das mãos ou dos pés. — Del Río e seus companheiros não conheciam estas regras da higiene do bruxedo.
[7]) Ponzinibius, *De Lamiis et excellentia Furis utriusque* (por 1525).
[8]) B. de Spina, *In Ponzinibium de Lamiis Apologia* (em 1531).
[9]) Del Río, lib. II, q. XVI; mas Navarro, *Manuale Confess.*, cap. XI, n. 38, sustentava não menos valentemente: "Peccat mortaliter qui credit striges corporaliter per aera vehi ad diversa loca".
[10]) Pois convém observar que também os protestantes foram vítimas da mesma credulidade. Lutero e Calvino foram terríveis perseguidores de bruxas. Assim também a Inglaterra anglicana.

as bruxas iniciassem suas misteriosas viagens noturnas diante de testemunhas. Elas começaram, então, a ungir-se — pois o unguento era condição essencial para o vôo — e logo caíram em profundo sono (transe). Quando voltaram a si, contaram como fôra a viagem e o que haviam feito, — na realidade, porém, tinham ficado o tempo todo lá mesmo, dormindo (em transe), diante das testemunhas. Mas Suárez, não obstante, prefere dizer que isto se deu assim "veluti per exceptionem" e que, regra geral, as bruxas vão mesmo...[11] Pois, escreve Torreblanca, trata-se de uma verdade ensinada pelos Papas (e cita três Bulas), "et ita sentiunt cuncta tribunalia ecclesiastica Hispaniae, Italiae, Germaniae, Galliae, sic et semper Apostolici Inquisitores in praxi observant... Ergo, vel Ecclesia errat, vel isti Pythonici. Ecclesiam tamen in re ad fidem pertinente errare, qui dicit anathema maranatha sit".[12]

E o único argumento era sempre êste: "Lamiae ipsae tam in equuleis quam spontanea confessione iureiurando fatentur". Nunca ninguém viu uma bruxa voar. Jamais nenhum marido ou parente das bruxas notou as misteriosas ausências noturnas. Nunca se descobriram os restos dos diabólicos banquetes. Nem jamais nenhum curioso caçador ou viajante as surpreendeu nos sacrílegos bacanais. A justiça, com tantos processos que instaurou, não mandou seguir a pista dos conventículos, nem examinar o lugar do sabá, nem jamais fêz prisões em flagrante de delito. E por que, quando prêsas, não se valiam as bruxas do artifício para fugir? E no entanto os autores sabiam das bruxas tantas outras minúcias e particularidades: Bodin sabe que elas só podem derramar três lágrimas pelo ôlho direito; Sprenger descobriu que as bruxas, quando comungam, recebem a hóstia debaixo da lingua (e é esta a razão por êle alegada porque não podem converter-se); Grillandi observa que elas dão sinais certos de impenitência quando choram e soluçam, durante as torturas, mas não derramam lágrimas...

Puxados capítulos escreveram êles para determinar precisamente o que os magos e as bruxas podem e o que não conseguem fazer. Orientavam-se por êste princípio: "Quidquid daemon potest, id per eum ex pacto magi possunt; neque ipsi possunt quod nequeat daemon".[13] Assim bastava ver o que o demônio era incapaz ou capaz de fazer. Concluíram que o demônio (e, portanto, o mago) *não pode* subverter a ordem do universo, não pode criar alguma coisa do nada, não pode fazer que dois corpos estejam ao mesmo tempo no mesmo lugar, não pode fazer vácuos, não pode movimentar um corpo à distância, não pode produzir formas substanciais, não pode "ex quolibet facere quodlibet", nem produzir animais perfeitos sem semente, não pode inverter a ordem entre as formas, não pode fazer milagres, não pode curar cegos de nascença, nem ressuscitar mortos, não pode mudar um elemento puro, não pode extorquir um consenso sem querer, não pode transformar um homem em animal, nem água em vinho, nem os cabelos brancos em pretos, não pode sanar o que pereceu, não pode restabelecer a virgindade, não pode fazer as imagens ou os cadáveres falar. Mas *pode* impelir imensas máquinas sem fatigar-se, pode excitar ou acalmar tempestades, pode causar trevas, corromper o ar, a água e a terra, pode causar terremotos, pode matar todo o mundo (si Deus sinat), pode matar animais, arruinar plantações, destruir cidades, queimar colheitas, pode tirar os prisioneiros das cadeias, pode prejudicar a fama dos outros, revelar os pecados ocultos, difundir boatos, pode conseguir vitórias na guerra, dar riquezas e tesouros, pode causar gigantes e pigmeus, pode produzir animais (sapos!) no corpo humano, causar doenças, excitar fogo material ou impedir que o fogo queime, pode ajudar ou prejudicar a memória, falar línguas estranhas, melhorar o intelecto, ensinar sentenças e medicina, pode perturbar as faculdades concupiscentes e irascíveis, iludir os sentidos, enganar o tato, o gôsto, o olfato, perturbar a fantasia, pode formar objetos dos elementos "ad instar pictorum", pode fazer com que a gente se sinta um lôbo ou outro animal, pode mudar o sexo da gente, pode mudar os velhos em jovens, pode fazer alguém careca, retardar ou apressar a morte, causar êxtases, fazer com que se fique muito tempo em jejum, pode tornar-nos cegos, mudos e surdos, pode conservar intacto um cadáver... Del Río enche 200 cerradas páginas para demonstrar tudo isso. E os outros autores não são menos fecundos nesta espécie de especulação.

Conseqüentemente falam do *maleficio*, "magiae species qua quis, vi pacti cum daemone initi, alteri damnum parat". Nem lhes é necessário provar a existência ou a realidade do malefício. Del Río, logo no início do terceiro livro, "qui est de maleficio", declara enfàticamente: "Non disputo an sit, id suppono.

[11]) Suarez, *De Superstitione* (ed. Vives, vol. XIII), cap. XVI, nn. 23 ss., pp. 582 ss.

[12]) Torreblanca, *De Magia*, lib. II, cap. XXXVI, p. 281. — Mas as três Bulas papais citadas por Torreblanca não falam do vôo noturno das bruxas. Este argumento "ex magistério ordinário", usado e abusado então pelos bruxófilos, prova apenas que também nesta espécie de argumentação é necessário proceder com cautela: Nem tudo quanto aparece em tais documentos é "res ad fidem pertinens".

[13]) Torreblanca, lib. II, cap. XI, p. 188.

Qui negant eos Sacrae litterae, Iuris utriusque sanctiones, Historici, poetae, communis consensus et saeculorum omnium memoria damnat". E Torreblanca escreve até que é uma verdade "ut certa fide tenendum", e cita Padres, Concílios e Decretos Pontifícios.[14] Conhecem principalmente o maleficium insomnii, o amatorium (o terrível philtrum amoris), o hostil (que é para matar), o incendiário, o maleficium ligaminis et impotentiae coeundi, etc.

Inocêncio VIII, na mais triste das bulas pontifícias, a *Summis desiderantes*, de 5 de dezembro de 1484, informado pelos inquisidores Sprenger e Institor (Henrique Kramers), resume os malefícios de que ouviu falar: "... Complures utriusque sexus personae, propriae salutis immemores et a fide catholica deviantes, cum daemonibus incubis et succubis abuti; ac suis incantationibus, carminibus et coniurationibus aliisque nefandis superstitionis et sortilegis excessibus, criminibus et delictis, mulierum partus, animalium foetus, terrae fruges, vinearum uvas et arborum fructus; necnon homines, mulieres, pecora, pecudes et alia diversorum generum animalia; vineas quoque, pomeria, prata, pascua, blada, frumenta et alia terrae legumina perire, suffocari et extingui facere et procurare; iposque homines, mulieres, iumenta, pecora, pecudes et animalia diris tam intrinsecis quam extrinsecis doloribus et tormentis afficere et excruciare; ac eosdem homines ne gignere, et mulieres ne concipere, virosque ne uxoribus, et mulieres ne viris actus coniugales reddere valeant impedire; fidem praeterea ipsam quam in sacri susceptione baptismi susceperunt, ore sacrilego abnegare; aliaque quamplurima nefanda excessus et crimina, instigante humani generis inimico, committere et perpetrare non verentur in animarum suarum periculum, divinae Maiestatis offensam, ac perniciosum exemplum ac scandalum plurimorum..."[15]

2) O Pacto Implícito.

Não menos fatal para as bruxas foi a teoria do pacto implícito com o demônio. Os bruxófilos encontraram na Suma Teológica de Santo Tomás a base e a autoridade teológica para suas especulações. Quando Santo Tomás propôs sua teoria do pacto implícito, não podia prever as desastrosas conseqüências

[14]) Suárez, *De Superst.*, cap. XIV, depois de afirmar que existe magia pròpriamente dita, fundada no pacto com o demônio, esclarece: "Haec assertio est tam certa, ut sine errore in fide negari non possit".

[15]) *Bullarum*, Dipl. et Priv. Sanctorum Rom. Pontificum taurinensis editio, tom. V, p. 297. Note-se, todavia, que em tôda a Bula o Papa não fala nem do pacto com o demônio, nem dos vôos noturnos das bruxas. Gregório XV, porém, na Bula *Omnipotentis Dei*, de 20-3-1623, é bem explícito na afirmação do pacto (cf. *Bullarium*, tom. XII, p. 795).

práticas que mais tarde os teólogos iriam tirar desta suposição.[16] O Doctor Communis, com efeito, via na superstição e até mesmo na "vana observantia" uma implícita pactuação com o demônio. Veja-se, por exemplo, a questão 95 da II/II: no art. 1 define a adivinhação como um conhecimento dos futuros contingentes ou livres que não estão necessàriamente na causa; no art. 2 estabelece então um princípio básico que depois irá servir de premissa para muitas deduções: "Omnis divinatio ex operatione daemonum provenit"[17]; no art. 3 distingue o concurso do demônio expressamente implorado da ingerência oculta (mas real) do mesmo. Na questão 96 aplica um processo paralelo à "vana observantia" e ensina então: "Si naturaliter non videantur posse tales effectus causare, consequens est quod nec adhibeantur ad hos effectus causandos tamquam causae, sed solum quasi signa: et sic pertinent ad pacta significationum cum daemonibus inita" (art. 2).

E aí está o pacto implícito. Os manualistas de hoje diriam: "Implicite invocatur daemon ab eo qui media, quae novit vana et inepta, adhibet ad aliquid cognoscendum vel faciendum". Baseados neste princípio, os inquisidores mandaram entregar ao braço secular e à fogueira ninguém sabe quantos feiticeiros. E fundamentados neste mesmo princípio, os moralistas de hoje condenam como obra diabólica — e, portanto, como pecado objetivamente gravíssimo — a magia e uma boa quantidade de superstições. Qualquer uso mágico entre os povos não cristãos é fàcilmente condenado como arte diabólica.[18]

Entretanto a Reflexologia, a Parapsicologia, a Psicologia dinâmica e outras investigações recentes mostram que a "des-

[16]) S. Tomás já foi diversas vêzes acusado de ter sido um dos maiores responsáveis teóricos da matança das bruxas. G. M. Manser, O.P. tentou defender seu mestre em *Divus Thomas* (1922, pp. 17-49, 81-110). Mas é inegável que as obras de S. Tomás favoreceram os bruxófilos. Até mesmo para os demônios íncubos e súcubos podia-se recorrer à autoridade do Anjo das Escolas. Cf. II Sent. d. 8, q. 1, a. 4; De Potentia q. 6, a. 8, ad 5: "Per hoc quod unus et idem daemon sit ad virum succubus et semen ab eo receptum in mulierem transfundit, ad quam fit incubus"...

[17]) A Parapsicologia moderna teria aqui um importante esclarecimento a dar.

[18]) Não negamos, é evidente, nem que tais obras sejam ou possam ser condenáveis em si, nem que exista a possibilidade de intervenções diabólicas espontâneas (ou permitidas por Deus). Contestamos apenas que tais intervenções sejam tão evidentes ou tão freqüentes ou tão fáceis; e que deva ser este o motivo da maldade intrínseca da magia. Não estamos a defender a magia: impugnamos apenas a motivação (ou "interpretação") alegada por muitos teólogos ou moralistas. Vejam-se, por exemplo os seis motivos — nenhum dêles relacionado diretamente com o demônio — alegados por nós contra as práticas divinatórias em

proporção entre causa e efeito", tão fàcilmente evidente para alguns moralistas, não existe. E, todavia, precisamente êste era e é o fundamento da teoria do pacto implícito. Pois o mago, êle mesmo, ou o supersticioso, as mais das vêzes não se dá conta desta "desproporção". Para êle a coisa é natural: êle sabe empìricamente que tal causa produz tal efeito; portanto, quando quer ou é desejado tal efeito, recorre à tal causa. Por outro lado, a disjunção teológica "ou Deus ou o diabo" não é completa para a mentalidade do mago ou do primitivo: para êle existem muitos outros "espíritos" ou "fôrças", que não são nem Deus nem o diabo, e que podem ser bons e estão à disposição dêle. Portanto, também aqui não se precisa pensar logo nalgum pacto explícito ou implícito com o diabo em pessoa. Seria uma simplificação teórica totalmente distanciada da vida prática como ela é. Devo confessar que eu mesmo já fui vítima desta simplificação. Mas êste êrro na apreciação moral da magia e da superstição foi a norma básica para os processos contra as bruxas. Qualquer tratado sôbre bruxaria começa invariàvelmente com a exposição dêstes conceitos. Mas a maioria dos feiticeiros e das bruxas ficava sabendo apenas durante o processo que êles produziam seus efeitos "por arte do diabo". Fritz Byloff, *Das Verbrechen der Zauberei* (1902, pp. 396 ss.) conta o caso de uma senhora que curava por meio da imposição das mãos (sugestão) e era capaz de revelar as doenças (telepatia ou clarividência): ela foi acusada de bruxaria e, durante o processo, pouco a pouco ela mesma foi se convencendo que trabalhara de fato com os poderes de satanás...

3) A Base Teológica do Pacto com o Demônio.

Tornou-se comum pensar que a Sagrada Escritura e o Magistério Eclesiástico condenam as práticas ocultistas (magia, necromancia, adivinhação, malefício, etc.) principalmente ou até exclusivamente por ver ou desconfiar nelas uma atuação diabólica. Êste seria o grande e fundamental motivo de condenação da magia. Fôsse assim, a hipótese do pacto com o demônio teria sem dúvida uma base bastante aceitável para o teólogo. Examinaremos, por isso, mais detidamente esta base.

a) *Motivos Bíblicos contra a Magia.*

E' certo que em Israel a magia foi combatida desde o início e sistemàticamente. Não se poderá aduzir um só texto favorável a qualquer ação mágica. Mas no "ambiente bíblico" a

nosso *O Espiritismo no Brasil*, (Petrópolis 1960), pp. 136-139. Cf. também REB 1959, pp. 967-970.

magia fazia parte da vida cotidiana. A religião dos sumerianos, dos babilônios e dos assírios era visceralmente mágica. "Os povos da Mesopotâmia criaram em tôrno de si um ambiente em que se respirava a cada passo a atmosfera da magia, do encantamento, dos sortilégios e malefícios, das violações dos tabus e das infestações diabólicas".[10] Também no Egito a magia andava de braços dados com a religião. Amuletos, talismãs, fórmulas e ritos mágicos serviam para afastar obstáculos e trazer os bens e as satisfações do corpo, do coração e do espírito. Sôbre as práticas ocultistas entre os cananeus informa o próprio Deut 18, 9-12: "Quando tiveres entrado na terra que Javé, teu Deus, te der, não aprenderás a imitar as abominações daquelas nações. Não se há de encontrar em ti quem faça passar seu filho ou sua filha pelo fogo, nem autor de adivinhações, nem agoureiro, nem adivinhador, nem mago, nem evocador de mortos. Porque constitui abominação de Javé todo homem que faz tais coisas, e em vista destas abominações Javé, teu Deus, irá desapossar essas nações diante de ti".

Constantemente a magia ou qualquer outra forma de práticas ocultistas é severamente condenada na Sagrada Escritura. Os profetas a atacam e ridicularizam, principalmente quando se referem à magia dos egípcios e dos babilônios (cf. Is 47, 12 ss; Dan 1, 20; 2, 10-12; Sab 17, 7). Mas nenhuma única vez é o demônio o motivo alegado para tão rígida atitude de proibição. Não se condena a magia porque desconfiam aí alguma ação diabólica. A razão é outra: "... para que vos não contamineis por meio dêles: Eu sou o Senhor vosso Deus" (Lev 19, 31); "porque o Senhor abomina tôdas estas coisas" (Deut 18, 13); porque afasta o homem de Deus (Deut 13, 2-6); porque desvia da Lei e do Testamento (Is 8, 19-20); porque o mago "perverte os caminhos retos do Senhor" (Atos 13, 10); porque a magia faz parte das "obras da carne" (Gál 5, 20). Êstes são os motivos indicados nos livros bíblicos. Não o demônio diretamente, não o pacto com o demônio, não a invocação de satanás. O que os livros do Velho Testamento querem é confiança no Senhor. "Quando os profetas nos seus oráculos se dirigem às nações pagãs, a magia é visada com palavras que exaltam o poder de Javé sôbre todos os adivinhos, sôbre todos os magos e práticas de encantamento, em que os pagãos punham sua esperança. O ataque chega a atingir o sarcasmo, como, p. ex., em Is 19, 1-3; 11-13, contra o Egito. Mais fortes ainda são

[10]) Pe. Antônio Charbel, S.D.B. Demonologia e Magia à luz do Antigo Testamento, em *O Demônio*, Editôra Vozes, Petrópolis 1957, p. 26.

as sátiras do profeta contra a Babilônia (Is 44, 25; 47, 12-13; Jer 50, 35; 51, 57).[20] O verdadeiro motivo de condenação da magia, indicado pela Bíblia, é êste: a magia é uma injúria à soberana independência e transcendência de Deus e aos seus direitos exclusivos de criar, revelar, fazer milagres e santificar os homens. A magia tende a rebaixar Deus ao nível da criatura e abre os caminhos para o politeísmo. E porque a magia é um aviltamento da soberania divina, por isso ela é também uma degradação da dignidade racional do homem, é deformação do autêntico sentimento religioso.[21]

b) *Tradição e Magistério.*

Não há dúvida: os teólogos do século XVI e XVII e alguns Sumos Pontífices dêstes mesmos tempos falaram claramente sôbre a ação perceptível e provocada do demônio entre os homens, sôbre o pacto dos homens com satanás, sôbre a eficácia positiva e objetiva da magia e do malefício. Também antes desta época, mesmo na fase patrística e sobretudo a partir de S. Tomás, como também depois e hoje em dia, embora mais reservados e cautos, mantêm os teólogos as mesmas teses, com exceção de bem poucos.

Exceções têm havido também no passado. Gardette diz mesmo que até o séc. XIII a Igreja combateu sobretudo a crença na realidade objetiva dos prodígios da magia.[22] E isso parece muito interessante. Veremos, por isso, os principais documentos desta época.

1) O *canon Episcopi*, atribuído ao Papa S. Dâmaso e ao Concílio ainda não identificado de Ancira (pelo ano 314), mas que provàvelmente vem do século IX e entrou solenemente na legislação eclesiástica do *Decretum Gratiani*. Êste cânon teve grande repercussão na época pré-escolástica e é citado e assumido em vários sínodos diocesanos. Eis a passagem principal:

"Illud etiam non est omittendum quod quaedam sceleratae mulieres, retro post Satanam conversae daemonum illusionibus et phantasmatibus seductae, credunt et profitentur se nocturnis horis cum Diana Dea Paganorum vel cum Herodiade et innumera multitudine mulierum, aequitare super quasdam bestias, et multarum terrarum spatia intempestae noctis silentio pertransire, eiusque iussionibus obedire velut dominae, et certis noctibus ad eius servitium vocari... Innumera multitudo hac falsa opinione decepta, haec vera esse credunt, et credendo a recta fide deviant, et errore paganorum involvuntur, cum aliquid divinitatis aut numinis extra unum Deum arbitrantur. Qua propter Sacerdotes per Ecclesias sibi commissas, populo Dei omni instantia praedicare debent, ut noverint haec omnino falsa esse et non a divino sed a maligno spiritu talia phantasmata mentibus fidelium irrogari. Si quidem ipse Satanas, qui transfigurat se in angelum lucis, cum mentem cuiuscumque mulierculae ceperit, et hanc per infidelitatem sibi subiugaverit, illico transformat se in diversas species personarum atque similitudines, et mentem quam captivam tenet, in somniis deludens, modo laeta, modo tristia, modo cognitas, modo incognitas personas ostendens, per devia quoque deducit; et cum spiritus solus hoc patitur, infidelis mens hoc non in animo sed in corpore evenire opinatur... Quis vero tam hebes et stultus sit, qui haec omnia quae in solo spiritu fiunt, etiam in corpore accidere arbitretur?... Qui talia et his similia credit, fidem perdit".[23]

Eis o famoso *canon Episcopi*. Não fala do pacto com o diabo. Mas conhece os vôos noturnos. E declara enfàticamente que tudo aquilo não passa da mais pura fantasia; e que aquêles que acreditam na realidade objetiva daquelas viagens aéreas "super quasdam bestias", têm uma mente obtusa e estúpida, mandando ainda a todos os sacerdotes avisar ao povo "haec omnino falsa esse", e que todos os que acreditam perderam a fé.[24] Como êste texto foi assumido pelo Decretum Gratiani (q. 5, can. 12, n. 10), lei eclesiástica oficial daquele tempo, poder-se-ia concluir que são hereges ("fidem perdit") os que acreditam nas bruxas. Aos defensores das bruxas êste texto deu por isso não pequeno trabalho. Alonso de Castro e Torreblanca diziam que o cânon só falava das mulheres do séc. IV[25]; Del Rio contesta a autenticidade do cânon; Granado e Arriago julgaram que o Concílio não é de fé na parte em que nega as cavalgadas aéreas e mulheris; Tanner, Cardeal Toledo, Torquemada, Silvestre e el Tostado pensaram que o cânon se referia ao modo de serem levadas aquelas mulheres, a saber: não pelo demônio, mas por Diana ou Herodíade...

2) No Concílio de Paderborn, de 785, presidido por Carlos Magno, decretou-se contra os saxões o seguinte cânon 6: "Si quis a diabolo deceptus crediderit, secundum morem paganorum, virum aliquem aut feminam strigam esse, et homines com-

[20]) Charbel, loc. cit., p. 29.

[21]) Pietro Castelli, Il peccato nell'Occultismo, em *Il Peccato*, Roma 1959, p. 611. — Êste mesmo autor lembra na p. 609 que nem mesmo no episódio dos magos de faraó há alusão ao demônio. Pois do contexto se vê que, enquanto Aarão fazia um verdadeiro milagre por virtude divina, os magos apresentaram um simples jôgo de ilusionismo, ainda hoje praticado pelos prestidigitadores do Egito: apertando num ponto da garganta da serpente, ela se enrijece como uma vara, atirada ao chão, readquire sua flexibilidade natural.

[22]) Gardette, *Magie*, na Dict. de Théol. Cath., vol. IX, col. 1524.

[23]) Barônio, *Annales Eccl.*, an. 314: an 323.

[24]) O abade Regino, no século X, repete a mesma admoestação e acrescenta mais claramente: "Omnibus itaque annuntiandum est quod qui talia et his similia credit, fidem perdidit" (cf. Migne, PL 132, 352).

[25]) Torreblanca, p. ex., no Lib. II, cap. XXXVI, p. 281: "Canonis verba non diriguntur in sagas nostri temporis, *quae vere et realiter deveniuntur*, sed in quasdam haereticas..."

edere... capitis sententia punietur".[26] Aqui a situação é bem diferente da do século XVI: no tempo de Carlos Magno era condenado à morte quem acreditava na existência das bruxas...

3) Burcardo, bispo de Worms, no século X, tinha a mesma idéia, só mandou proceder de outra maneira: "Si aliqua [mulier] est quae se dicat cum daemonum turba, in similitudinem mulierum transformata, certis noctibus aequitare super quasdam bestias et in eorum consortio adnumeratam esse, haec talis omnimodis scopis correpta ex parochia eiciatur".[27]

4) Os conciliares de Praga (entre 1346-1349) não aceitavam os poderes dos magos: "Parochiales presbyteri plebes suas frequenter informent, ut sciant sortilegas artes et incantationes, sub prolatione quorundam verborum vel scriptura characterum, quibuslibet infirmitatibus hominum seu animalium, nihil posse conferre remedii, vel sterilitati agrorum vel arborum, seu potestati tonitruorum vel grandinum providere...".[28]

Poderíamos lembrar outros. Agobardo, por exemplo, que no séc. IX foi bispo de Lião e que se ri gostosamente das pretensões dos magos e zomba dêles em longas páginas.[29] João de Salisbury, no século XII, pergunta admirado: "Quem será tão cego para não ver que tôdas estas coisas são efeitos da malícia do demônio que é amigo das fraudes? O remédio mais eficaz contra esta peste será agarrar-se à fé, fechar os ouvidos a tais mentiras e não dar nenhuma importância a semelhantes vaidades e insânias falsas".[30]

c) *Considerações Críticas.*

Nem todos, porém e infelizmente, pensavam assim. Como em tantas outras questões que dependem do conhecimento mais exato das ciências naturais, também nesta alguns Papas e muitos teólogos pagaram tributo à mentalidade corrente. Cada um vive e pensa na sua época. Também hoje temos os nossos problemas e continuamos a ignorar tantas coisas. Falamos hoje da evolução como de uma verdade ou hipótese que se impõe à mente culta; mas poderá acontecer que, mais tarde, quando os historiadores se debruçarem sôbre a mentalidade e o modo de

[26]) Migne, PL 97, 145; cf. Hefele-Leclerq, *Hist. des Conciles*, III, 993.
[27]) Migne, PL 140, 837; por outro lado, Burcardo também acreditava em bruxas, como se pode ver pelos outros cânones da mesma coleção.
[28]) Cf. Mansi 26, 100. No sínodo de Praga de 1355 insistiu-se no mesmo aviso, cf. Mansi 26, 406.
[29]) Cf. Migne, PL 104, 147-158.
[30]) Migne, PL 199, 436: "Huius autem pestis cura efficacissima est, ut fidem quis amplexus, his mendaciis subtrahat mentis auditum et nequaquam respiciat ad huiusmodi vanitates et insanias falsas".

falar dos homens do século XX, êles tenham que desculpar-nos com a mesma generosidade com que nós escusamos os que nos precederam. Falando ao Corpo Acadêmico da Universidade Gregoriana sôbre a obrigatoriedade de seguir a S. Tomás, advertiu o sábio Papa Pio XII: "Mas entre êstes conhecimentos, que exigem o assentimento certo da mente, não se deve enumerar... o que é simples conseqüência do conhecimento imperfeito e exiguo que os antigos tinham acêrca da física, da química, da biologia e de outras ciências semelhantes",[31] como a Psicologia e a Parapsicologia. Esta mesma norma vale e deve valer também para certos ensinamentos da Patrística e mesmo do Magistério Eclesiástico Ordinário. Nem os Padres nem os Papas são infalíveis em questões que não se referem à fé e à moral. Podem cometer e cometeram erros de ciência. Assim também no caso presente. Colocados diante de tantas histórias maravilhosas e fantásticas narradas e difundidas entre o povo acêrca dos magos, necromantes e adivinhos; obrigados, ademais, em vista da confusão e do aumento da superstição entre o povo, a tomar uma atitude e a traçar normas de conduta cristã; influenciados pela credulidade geral do tempo que via com facilidade uma imiscuição direta e perceptível do demônio nas coisas humanas; apoiados, além disso, em pareceres aparentemente judiciosos e prudentes de homens considerados sérios e competentes; aceitaram, sem maiores escrúpulos de ordem científica — pois na época nenhum motivo havia para tanto — a interpretação diabólica dos fatos narrados e tidos como certos.

Usamos de propósito a palavra "interpretação". Pois, se quisermos servir-nos de uma expressão recente, houve um êrro de interpretação. Para entendê-lo melhor, coloquemos a situação dos teólogos do tempo das bruxas para êste tempo dos espíritas. Porque, afinal, os espíritas de hoje são os herdeiros e sucessores naturais dos magos e necromantes de antanho. Também êles apresentam uma série de fatos e coisas maravilhosas. Esta fenomenologia deve receber uma explicação ou interpretação. Êles mesmos, os espíritas, apresentam como explicação satisfatória a "teoria espírita", segundo a qual todo aquêle conjunto de fenômenos seria o efeito perceptivel da ação direta e provocada dos espíritos ou melhor, segundo êles, das almas desencarnadas. Um grupo de teólogos, herdeiros e sucessores naturais dos teólogos que sustentaram a interpretação diabólica das obras dos magos e das bruxas, para explicar hoje a fenomenologia espírita, apresenta e defende a "teoria diabólica", se-

[31]) Discurso de 17-10-1953, cf. REB 1954, p. 164.

gundo a qual seria o próprio diabo a causa constante daqueles fenômenos. São, pois, teorias de interpretação. Não concordamos nem com a teoria espírita, nem com a teoria diabólica. Não é êste, porém, o lugar para discutir as teorias. Dizemos apenas que ambas as teorias pecam por um êrro de interpretação e que a fenomenologia espírita deve ser reinterpretada.

Assim também no passado, com relação à magia e à bruxaria. A teoria de interpretação, então aceita pelos teólogos e pelos próprios magos e bruxas, era a do "pacto com o demônio". Pensamos até que esta teoria nasceu primeiro na cabeça dos teólogos para interpretar certos acontecimentos estranhos ligados a algumas pessoas especiais que, sem mesmo saber por quê, viam-se capazes de produzir efeitos surpreendentes. E como se propagasse a teoria teológica do "pacto", os próprios magos, talvez, acabaram aceitando e alguns dêles tentando mesmo um "pacto"; e as bruxas (mulheres!), gente mais sugestionável, caindo fàcilmente em estado de transe, como ainda hoje nos centros espíritas, acreditaram sinceramente que eram tão más e perversas a ponto de terem feito um conluio com satanás, com vôos noturnos em cabos de vassoura e medonhos banquetes entre demônios íncubos e súcubos. Em têrmos de hoje e exagerando, estaríamos para dizer que a primeira bruxa que narrou minuciosamente suas aventuras noturnas foi uma histérica que sofria de mitomania; e que o primeiro teólogo a expor largamente a teoria do "pacto" foi um paranóico que sofria do delírio de interpretação...[32]

Qual é, com efeito, a base da teoria do "pacto com o demônio"?

Não é, como vimos, a S. Escritura. Nem se pode invocar a Tradição.[33] E os poucos documentos pontifícios que falam do

[32]) Sôbre a mitomania dos histéricos e a interpretação delirante dos paranóicos veja-se o nosso estudo *O Espiritismo no Brasil* (Vozes, Petrópolis 1960), pp. 84-88.

[33]) Reconhecemos, entretanto, que nesta questão os textos da Patrística deveriam ser examinados com mais cuidado. O que até agora foi publicado sôbre o assunto, não é muito. Gardette, que escreveu as respectivas monografias para o *Dict. Théol. Cath.*, e que se revela também inclinado à hipótese diabólica, acha que os textos da Patrística são relativamente poucos. Muitos Padres falam do demônio, de sua natureza, pecado, poder sôbre a matéria, o corpo e a alma do homem; mas pouco ou nada dizem sôbre a eficácia da magia. Faltava-lhes a própria formulação do problema. Alguma coisa se encontra nas obras de S. Justino, Taciano, Atenágoras, Tertuliano, S. Cipriano, Orígenes, Eusébio e S. Agostinho. Êste último tem mesmo uma passagem na qual fala dos que se entregam a certas superstições "frívolas e nocivas" e que dão a impressão de ter um "pacto pestilento" com os demônios (*De Doctrina Christiana*, II, c. 23, nn. 35-36; PL 34, 34, 52-53). Esta passa-

"pacto" (a bula *Caeli et terrae*, de Sixto V, e a *Omnipotentis Dei*, de Gregório XV) dependem evidentemente dos teólogos que o imaginaram e, por isso, não influíram na formulação inicial da teoria. Na realidade, portanto, a idéia do pacto com o demônio surgiu como uma tentativa de explicar teològicamente tôda a vasta fenomenologia produzida ou alegada pelos magos, necromantes, adivinhos e bruxas de todos os povos e tempos então conhecidos. Del Rio e seus colegas, que sôbre estas questões encheram milhares de páginas, coligiram de tôda a literatura grega, latina e cristã tudo quanto apresentasse algum aspecto maravilhoso ou diabólico e sôbre êsse imenso material, acumulado sem nenhum senso crítico, construíram, desenvolveram e aprofundaram a teoria do pacto diabólico. Os próprios processos contra magos e bruxas, desencadeados por êles, aumentaram por sua vez enormemente o acúmulo de "fatos", pelas confissões espontâneas ou forçadas daqueles pobres diabos entregues aos tribunais da Inquisição. Não faltavam, pois, os "fatos" da magia e da bruxaria. Era necessário explicá-los. E como ultrapassavam enormemente as fôrças da natureza ou do homem, tinham que ser explicados pela intervenção de fôrças preternaturais; como ao mesmo tempo tais fatos se produziam em circunstâncias muito suspeitas ou até mesmo declaradamente irreligiosas e imorais, essas fôrças preternaturais intervenientes só poderiam ser diabólicas. Desta consideração para o pacto explícito ou implícito com o demônio, só faltava um passo.

Por conseguinte, a base real e verdadeira da teoria do pacto eram os fatos considerados "naturalmente inexplicáveis", ou com causas naturais insuficientes e desproporcionadas que pareciam ser meros "sinais" dum pacto com o demônio.[34] O argumento é mais ou menos o mesmo apresentado hoje pelos espíritas. Também êles pretendem basear-se em fatos que não teriam nenhuma outra explicação possível ou aceitável. Se, pois, quisermos fazer uma crítica da teoria do pacto, poderemos recorrer ao mesmo método segundo o qual modernamente se critica a teoria espírita, isto é: reexaminar criticamente os próprios fatos, sem dar importância à teoria como tal, que cairá por si.

gem teve sem dúvida influência na elaboração posterior da "teoria do pacto" e é constantemente citada, já por S. Tomás.

[34]) S. Tomás, por ex., na II/II, q. 96, a. 1 argumenta assim: Como os meios usados são de per si insuficientes para os efeitos visados, segue-se que não podem ser tidos como causas mas como *sinais* (e aí reaparece a teoria de S. Agostinho): "Non autem ut signis divinitus institutis, sicut sunt sacramentalia signa", portanto como sinais convencionados com o demônio: houve, pois, um pacto com o demônio. No art. 2 insiste no mesmo princípio: "Consequens est quod non adhibeantur ad hos effectus causandos tanquam causae, sed solum quasi signa".

No nosso estudo *O Espiritismo no Brasil*, fizemos uma tentativa de crítica neste sentido. E vimos que a Psicologia, a Tiefenpychologie (psicologia do subconsciente ou inconsciente), a Parapsicologia, a Patopsicologia, a Reflexologia e até mesmo o Ilusionismo podem e devem ajudar-nos enormemente no trabalho de interpretação da fenomenologia do maravilhoso. Não queremos nem mesmo resumir o que então dissemos sôbre a facilidade da mentira, as leis do boato, a fraude dos malandros, as falsas recordações, as impressões subjetivas, as ilusões, as alucinações, a mitomania, o delírio de interpretação, os automatismos psíquicos, as personificações do dinamismo subconsciente, o transe, os efeitos dos curandeiros, a natureza do reflexo condicionado, a facilidade das sugestões verbais diretas e indiretas, os sistemas de sinalização, as percepções extra-sensoriais independentes das leis conhecidas do tempo e do espaço, as vias de manifestação dos conteúdos subconscientes, inclusive quando extra-sensorialmente apanhados, as possíveis influências diretas da mente sôbre a matéria, etc. Sprenger, Del Río, Torreblanca, com tôda a turma de bruxófilos dos séculos XIV-XVIII, não só não falam de tudo isso, mas dão também demonstrações positivas de grande credulidade e falta total de senso crítico. Nenhuma dificuldade sentiam êles em admitir que as bruxas entravam nas casas de portas fechadas, penetrando pelas chaminés ou pelos buracos das fechaduras; que chegavam a transformar-se em ratões, gatos e outros animais, tais como os descrevem Nicolau Remi, Vignati, Bernardo de Como, João Pico e outros. Bartolomeu de Spina conta que as bruxas iam em companhia de sua rainha (que era a mais feia delas) voando em dois tempos até à Terra Santa, para que sua majestade tocasse as águas do Jordão; e que, chegando perto do rio, de repente as águas secaram; e que, admirada a rainha por aquela inesperada novidade, perdeu os estribos...[35]

Tomemos, para exemplificar, um dos inúmeros casos que Del Río aceita como dignos de crédito e sôbre os quais constrói sua teoria do pacto explícito com o demônio: "Antonius Leo Carbonarius, Ferrariae habitator, cum suspectam haberet uxorem suam ex relatione multorum, quod iret ad cursum (conventum Sagarum) quando ipse nocte dormiret, finxit se quadam nocte profunde nimis dormire. Quod ubi percepit uxor, surgens de lecto inunxit se unguento ex vasculo prius abscondito, et statim nusquam comparuit. Stupens autem vir suus, et quadam curiositate ductus, de lecto surgens idem fecit quod uxor, et statim per caminum (ut sibi videbatur) per quem etiam sibi visum fuerat ascendisse uxorem, delatus, in quamdam cuiusdam nobilis Comitis cellam vinariam deportatus est, quo loco etiam uxorem suam cum aliis pluribus reperit. Eo autem viso, uxor eius statim cum aliis quodam signo facto discessit,

[35]) *De Strigibus*, Lib. I, cap. XIX.

eodem viro suo in illo loco relicto. Qui mane a famulis Domus inventus, et cum clamoribus quasi latro captus, et ante Comitem constitutus, accepto loquendi spatio, cum rubore factum narravit, et ex hoc accusata uxor illius apud Inquisitorem, et tandem confessa, poenam dedit suis dignam sceleribus" (*Disquisit. magic.*, Lib. II, q. XVI). A mesma história se encontra em Grillandi, *De Strigibus*, Lib. II, q. VII e no continuador de Barônio, Raynaldo, t. XII, ano 1525, § LXXXVIII, p. 437).

Nesta história não se sabe o que mais admirar: se a credulidade do Conde ao reconhecer a desculpa do beberrão; se a prontidão dos inquisidores em instaurar o processo e condenar a pobre mulher; ou se a erudição de Del Río, Grillandi e Raynaldo em aceitar e descrever a história em latim... E nem será preciso recuar tanto, para encontrarmos teólogos tão eruditos como crédulos. Temo-los também neste século. Tomemos para exemplo Emilio Berardi, *Theologia Moralis* (Faventiae 1905), vol. II, p. 173:

Depois de falar da "catena das mãos" sôbre a mesa espírita, diz no n. 371: "Tabula, quamvis sic derelicta, ictibus obstrepentibus, et saepe repetitis subiicitur; agitatur; elevatur; modo ad dexteram modo ad sinistram; modo lente modo velocissime rotat; modo super unum modo super alium pedem se erigit, locum mutat et per cubiculum in gyrum se confert etc. Postea alia quoque mobilia v. g. scamnum, sedilia moventur, saltant etc. etc. Portae, fenestrae, armaria, nemine aperiente aperiuntur, et nemine claudente clauduntur. Ianuis etiam clausis, iuxta petitionem praesentium, res apparent. Ab armariis et capsis, sive aperiantur sive non aperiantur, obiecta exeunt, per aerem volant, commiscentur, et postea in ordine sicut prius suis locis reconduntur; vel quae in loco uno clausa erat, ab illo clauso ad alium clausum (nemine aperiente) se conferunt. Obiecta ponderosissima a seipsis locum mutant, se elevant, vel etiam cubiculi trabibus adhaerent. E contra obiecta levissima nulla vi nulloque conatu moveri possunt. Contra leges gravitatis vel aequilibrii mobilia non cadunt dum cadere deberent, vel stant dum sic stare non possent. Obiecta vitrea praecipitando vel ictus patiendo rumpi deberent, sed non rumpuntur. Corpora frigida repente calidissima evadunt, et viceversa. Lumina nemine agente accenduntur. Nullo musicali instrumento exsistente, vel illud nemine sonante, quaevis (ad petitionem praesentium) musica auditur. Spiritista staturam mutat, et modo gigas modo pigmaeus evadit, imo in aerem elevatur, vel etiam ex una fenestra exiens per aliam redit. Adde ventum impetuosum, tonitrua, obscuritatem, luces, motum in pavimento, in muris, in tabulato etc. Veniunt deinde spirituum apparitiones. Imprimis manus invisibiles te palpant, aut colaphis caedunt. Amplexus vel oscula sentis; postea apparent manus, apparent facies, et interdum personae completae, quae nedum oculis sed etiam tactui verae et reales videntur. Denique spiritus consultantur, ab iisque (sive ictibus conventionalibus a pede tabulae datis, sive scribente pede ipso cui lapis vel calamus aptatus fuerit, sive apparentibus characteribus in folio etsi clauso et quamvis ad scribendum nec calamus nec quidquid aliud adhibitum fuerit, sive denique viva voce) responsa habentur. Et haec in quavis lingua (v. g. gallica, germanica, americana, latina, graeca, etc.) ad libitum interrogantis obtinentur. Adstantes respicere etiam possunt nedum res occultissimas, aut antiquissimas, aut remotissimas (quae postea

veritati conformes reperiuntur), sed etiam ad aliam vitam spectantes; res enim eo usque procedunt ut animae defunctorum evocentur, interrogentur, ab iisque (aut potius a Daemone illos imitante) sive in scriptis, sive (ut dixi) viva voce, responsa habeantur". — Depois, entretanto, sente escrúpulos e pergunta se tudo isso é mesmo verdade. E responde, "uno verbo, complexum phoenomenorum supra descriptorum vere subsistere, neque vanis dicteriis neque imposturae tribui posse, pro certo tenendum est".

Seria necessário inventar um novo Demiurgo para explicar tudo isso. Pois quer-nos parecer que o demônio do qual nos fala a revelação e a teologia cristã seria pequeno para produzir tanta efetuação... Mas a verdade certa e incontestável é que nem o Padre Berardi, nem outro moralista qualquer dêste ou de outro século viu os fenômenos. Não viram, mas explicaram...

Houve também vozes discordantes. O Pe. Manuel do Monte Rodrigues de Araújo (depois Bispo do Rio de Janeiro e Conde de Irajá) publicou na primeira metade do século passado um *Compêndio de Theologia Moral*, em vários tomos. Citamos a III edição, de 1853. No I tomo, pp. 158-163 fala da magia, empenhando-se em contestar a existência real da magia ("um accesso d'alma a Satanaz com conato serio porém irrito de obter d'elle alguma cousa"). Baseado sobretudo em Gmeiner, expõe sua tese em cinco pontos, que podemos sustentar ainda hoje como conclusões: 1) Que por permissão geral divina, a qual se acomoda com a ordem da natureza, não pode o demônio ser evocado pelos homens para comparecer sob espécie visível; 2) que, atenta a permissão geral de Deus, não pode o demônio ofender os homens e nem fazer prodígios, quer por si, quer pelos magos: não pode ex. gr. excitar trovoadas e chuvas, destruir edifícios e campos, causar moléstias aos homens e aos animais; 3) que, atenta a permissão geral divina, a qual se acomoda com a ordem da natureza, não se pode pactuar com o demônio nem expressa e nem tàcitamente; 4) que os fatos, que se dizem feitos pelos magos com o socorro do demônio, não merecem fé: são contados principalmente pelo povo ignorante, que não tem a desteridade necessária para julgar a respeito e vogam nos lugares em que "parum scitur de litteris"; semelhantes fatos são todos falsos e fingidos; ou se reais, não passarão de efeitos meramente naturais, ou de imposturas dos homens; 5) que menos fé merecem, para provar a existência real da magia, as confissões judiciais extorquidas pela tortura aos réus dêste crime, e mesmo as confissões feitas sem aquela circunstância.